

CIÊNCIA & CULTURA

Contra os nostálgicos do pelourinho

■ O artista plástico Adão Pinheiro quer que os negros do Brasil tenham postura mais nervosa, fixada no presente

Os negros no Brasil precisam adotar uma postura mais nervosa, devem se fixar no presente e não se ater somente na história do seu passado, pois corre-se o risco de virar folclore". Ideias polêmicas e pouco "engajadas" como esta não falam ao artista plástico Adão Pinheiro, que hoje divide seu tempo entre Pernambuco e países como a França, a Suíça e os Estados Unidos, onde em maio deverá realizar uma exposição em Washington, capital norte-americana. As vésperas deste novo trabalho, o pintor fala de movimentos negros do Brasil e do Exterior e também de arte e cultura.

"Não estou a fim de discurso de ressentimento. Existe muita falta de imaginação nos movimentos negros", argumenta o artista, reforçando que, no Brasil, qualquer negro que se movimenta e se organiza. Para ele, "negritude" é apenas uma forma de perceber diferenças. "Disso ou tiro vantagens", garante. Sobre cultura e arte pernambucanas, Adão Pinheiro tem opiniões também definitivas. O artista conta que, na gestão do prefeito Luiz Freire, em Olinda, apresentou uma proposta de política cultural para o município. Foi então que sentiu de perto o preconceito da quatrocentona cidade.

As críticas foram muitas. Acusações de que havia muitos negros na Prefeitura e "negros que puxam fumo" não faltaram. "Olinda esconde um rosto burguês, branco, reacionário", dispara Adão Pinheiro. Nesta entrevista, o artista fala

de trabalho, preconceito, arte, militância e sobre a realização do 4º Congresso Afro-Brasileiro, que acontece entre os dias 17 e 20 de abril, numa promoção da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj).

Preconceito e Militância — Segundo Adão Pinheiro, o preconceito racial se manifesta no mundo inteiro, só mudam as formas de expressar. Episódios não faltam. Na França, onde ganhou bolsa do governo francês, foi barrado na porta de um hotel; no banco, ao fazer um depósito de dinheiro recebido por uma exposição, sentiu que os guardas da segurança ficaram de prontidão. Na Suíça, a impressão era de que as pessoas tinham medo dele.

"Eu só descobri que era negro bem tarde, foi quando fui barrado. E, na verdade, comeci a gostar disso", diz Adão. Em Washington, ele se sentiu em casa. "Lá me descobri tendo reações engraçadas e preconceituosas em relação aos brancos", conta o artista, que é casado com uma branca. A organização do movimento negro americano o surpreendeu e o entusiasmou.

"Nos Estados Unidos, a ascensão social do negro é mais fácil, porque temos acesso aos meios técnicos, que são as universidades", afirma.

No Brasil, os negros de destaque ainda são jogadores de futebol e sambistas, acredita Adão, que aposta na organização dos negros no Primeiro Mundo. "O poder de decisão do negro na sociedade americana é crescente".

Trabalho e Cultura — "Artista não deve ter apoio estatal, não foi



Foto: Fundaj

Pinheiro: "Existe muita falta de imaginação nos movimentos negros"

feito para pintar mural e não deve ser servido como sobremesa", critica o artista. Pernambuco, para ele, está em processo de decadência cultural há mais de 10 anos. "É preciso um choque cultural", sugere. Choques culturais não faltaram na carreira de Adão Pinheiro. Desde que se lançou como artista plástico, em 1956, Pinheiro sempre inspirou-se nos temas nordestinos e na cultura negra. Participou do ateliê coletivo com Abelardo da Hora,

ternacionais para compor as mesas de debates, a exemplo dos norte-americanos John Mason e Katherine Duran.

Ele não sabe se vai participar do congresso por conta da realização de sua exposição, mas deu apoio e ressalta a importância do encontro. "O importante é que as conclusões tiradas e as pessoas que participem tenham o compromisso com mudança", finaliza.

fez cenários para o teatro de Hermilo Borba Filho e para o cinema. Seu trabalho de maior destaque foi com o cineasta Joaquim Pedro de Andrade, para o filme *O Homem do Pau Brasil* (1981), sobre a obra e a vida de Mário de Andrade. "Trabalhamos um ano para captar a atmosfera do Modernismo", lembra.

Congresso Afro-Brasileiro — Adão Pinheiro encara com otimismo a realização do 4º Congresso Afro-Brasileiro. No encontro que teve com os organizadores do evento — Fátima Quintas, João Hélio Mendonça e Tânia Lima —, fez muitas sugestões de nomes in-

O rosto feminino da sociedade colonial

A sociedade brasileira dos séculos 18 e 19 no Brasil mantinha os mesmos moldes da fase colonial, mesmo com alterações nos comportamentos as famílias eram regidas pelo homem, que também determinava o que era bom ou mal, e que destino cabia aos integrantes de um grupamento familiar. Para as mulheres o destino e a sorte não podia ser considerado dos melhores.

Numa época onde valorizavam-se a pureza e castidade feminina, de casamentos arrumados e pressões familiares a mulher poucas saídas tinha. A professora da Unicamp, Leila Mizan Algranti está lançando *Honradas e Devotas* (editora José Olympio) e conta as amarguras e histórias de mulheres do meio do século 18 e 19 que, por imposição familiar ou vontade própria encontraram nas instituições de reclusão um meio de escapar dos tormentos.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO — Como nasceu o livro?

Leila Algranti — Na verdade ele surgiu quando estava pesquisando um outro tema e quando comeci a ler um material do intendente do Rio sobre os conventos e locais de reclusão decidi que o tema seria ótimo.

DP — Qual o papel que exercia, na época, o intendente?

LA — Era uma espécie de prefeito da cidade, por ele passavam todos os pedidos dos moradores e em seus relatórios mencionava os pedidos de pessoas

mente mulheres de classe abastada que eram reclusas. Naquela época haviam várias instituições, muitas não religiosas, que também funcionavam em conventos, mas naquela época funcionavam sem autorização do Papa e do rei de Portugal. Os casos de reclusão ficavam restritos somente a partir da honra ou guarda dela, muitas mulheres iam para lá para fugir dos maridos, pais e pressões exercidas sobre ela. Outras entravam na via de reclusão por iniciativa própria, por quererem servir a Deus.

DP — São poucos os relatos das reclusas?

LA — A maioria da documentação é oficial ou quando muito familiares das reclusas, existem registros de algumas delas, mas são poucos.

DP — Quais as fontes consultadas?

LA — Grande parte do material é da Biblioteca Nacional. Concentrei as pesquisas nas instituições do Rio, São Paulo e Minas Gerais, muitas nem existem mais. A maioria tem que perder uma ideia, a ideia que as mulheres daquela época eram submissas, passivas, e é isso que meu trabalho mostra.

DP — Houve algumas mulheres que a atraíram mais?

LA — A grande personagem que abre o livro é Joana, filha de Afonso V, rei de Portugal. Das versões contadas pela história, a ideia de que ela foi escolhida a ser reclusa. A história, de legendaria, conta que seu casamento foi anulado e ela foi enviada para um convento.



FOLHA É o mandar um fax E o anúncio você paga na conta telefônica

VIVER

Recife, sábado, 12 de fevereiro de 1994 • D 1

Um portal para o Maracatu

Nação Pernambuco comanda desfile de animação em Olinda

Irona Moura
 Durante o Carnaval, o Maracatu Nação Pernambuco chega com ares de majestade e quer raiar. Seus líderes não poupam alegria e movimento em uma parada que se inicia com um grupo de libertários, o grupo cultural de canto, danças e brincadeiras vai botar pra arrebentar a partir de hoje estará animando a noite do Mercado Eufrosínio (do Varadouro), em Olinda, com um show fete especial para esses dias. No Portal do Maracatu (nome do foco de animação) a Nação Pernambuco exibe o desfile do Carnaval Brasiliense, que começa a partir das 22h30, mas não de hoje antes. E na segunda-feira vai fazer um desfile, com 300 figurantes, saindo do Mercado do Varadouro, às 15h, e "tocando fogueira" pelas ruas de Olinda, até a praça da Carne, onde vai presenciar o Carnaval Sem Fome. Mas não é só em Olinda que o Nação Pernambuco mostra sua realza. O grupo marca presença no desfile da Estação da Folia, na Guadalupe, a partir das 18h e domingo vai ao bordo do Trem Elétrico, em Viagem, a partir das 17h. Mas há quatro anos, quando o grupo fazia de gatos pingados "iniciantes" de recuperar uma tradição de 300 anos de resistência cultural, os fazem muros, outros se chamavam que era porralouque, mas não dá mais para virar a cara. O Maracatu Nação Pernambuco chegou aqui para brilhar no palco da música pop nacional e internacional. Já prova que é bom pra quem quer humor e parralouque, mas também está entrando em contato com aparições no 135 (Maracatu e Jornal Nacional) da Rádio (135), arrasta uma multidão de quem que passe, exibiu sua criatividade e provou que imita não é um "Prato" para ser descartado ou auto-inteiro com o projeto de Olinda Real.

O Nação Pernambuco vai comandar foco de animação em Olinda

Mas eles não querem parar só nas homenagens. "Estamos com uma bandeira de luta para que o Estado crie uma aposentadoria especial para os artistas populares, como Coruja, Nascimento do Passo, Dona Madalena, Luis de França", adianta Santiago. "Temos um cenário cultural em quantidade e diversidade que em nenhum lugar do mundo chega perto daqui", completa Maravilha.

Peregrinação

Conseguir um disco do Maracatu Nação Pernambuco precisa de um pouco de paciência, para procurar. Até quinta-feira, em toda loja que se perguntava, o vendedor respondia, "acabou no mesmo dia que chegou". A travessia Velas é mais que bem intencionada, mas para entrar nesse mercado de feras precisa um pouco mais de audácia e paciência. O selo Velas agregou uma elite da música brasileira. Sinus de novos e bons tempos. Mas para as milhares de vendas são necessárias outras providências. A representação das Velas em Pernambuco trabalha somente com vendas. Os computadores (gerentes de lojas) normalmente não apostam no novo. O disco Maracatu Nação Pernambuco está estourado. Todo mundo quer e quase ninguém encontra.

Para curtir, depois do Carnaval

O herói do século XII da ficção de Sherwood ataca novamente. Desta vez numa versão bem-humorada de Mel Brooks. *A Louca Louca História de Robin Hood* é a grande estreia programada para a quarta-feira de cinzas, entrando em cartaz no Aní Guararapes 1.

Nessa comédia aventura, Brooks mistura a história com outras histórias contemporâneas, mas os personagens estão todos dentro do contexto medieval. Rap anual com toques de madrigal inglês compõe a trilha sonora, que tem músicas do próprio diretor, uma delas interpretada pela protagonista, Amy Yasbeck (Maid Marian).

O elenco não é muito conhecido do grande público. Gary Liles interpreta o valente e bondoso Robin de Lovley; Richard Lewis é o neurótico príncipe John. Roger Rees faz o indesejável xerife de Nottingham; Tracey Ullman é a cozinheira do castelo do príncipe John e conselheira de feiticeira, chamada Latrine; Isaac Hayes é um tranqüilo e poderoso moço, Anseze, e a bela e apaixonada Maid Marian aparece na pele de Maid Marian e o próprio Mel Brooks aparece numa engraçada participação, como rei.

Brooks relembrando todos os elementos da clássica história que divertiu públicos durante séculos e adiciona à mistura medieval sua mania de apavorada, loucura contemporânea e comédia especular.

O Portal do Maracatu conta com um palco de 14 por 12 metros que vai abrigar, além do show do Nação Pernambuco, a Orquestra de Antônio Madureira e Marçilio Lisboa, banda e dançarinos, com apresentação do animador cultural Sérgio Guzmán. A orquestra de Antônio Madureira toca basicamente caboclinho, bumba-meu-boi e maracatu, a partir das 19h30, com músicas com um novo arranjo de maracatu para o Hino do Elefante e de bumba meu boi para Terexinho Capira, de Heitor Vitas Lobo.

Para curtir, depois do Carnaval

Os pedidos são praticamente insignificantes para um público potencial, principalmente nestes tempos que antecedem a folia. Mas o supervisor de lojas da Condi, Joaquim Bezerra, garantiu que hoje 200 CDs estariam espalhados por algumas lojas da Aky Disco. A crítica financeira, a retração de final de ano, a divulgação mínima, tudo isso contribui para que a bananada invista e domine o mercado, em detrimento dos produtos de qualidade.

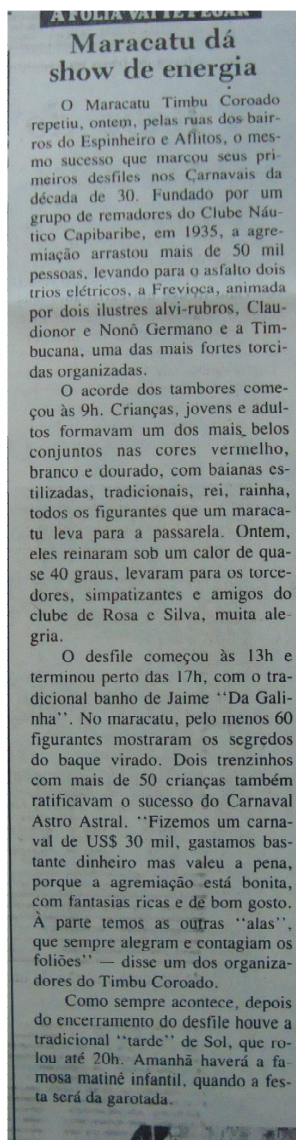
No compasso da nação

Quem, quem vem, quem vem 187. Quem, quem vem, quem vem 187. Que corréio é esse, senhor? Vinde aqui vou perguntar quem vem 187? Para quem não sabe ainda é o Maracatu Nação Pernambuco, com o álbum que leva seu nome, pelo selo Velas, de primeira qualidade produzido por Tonho Alves (do Quinteto Violado) e J.C. Botegelli, o Pelé. Os versos acima são de *Faixa Marçilio Madureira* (de Marçilio Varca e Antônia José Madureira), um bumba meu-boi que recebeu um tratamento especial do Nação Pernambuco e usa instrumentos de bumba meu-boi, tambor, maracatu, taré, tambor fante, gongá, ganzá.

No compasso da nação

Quem, quem vem, quem vem 187. Quem, quem vem, quem vem 187. Que corréio é esse, senhor? Vinde aqui vou perguntar quem vem 187? Para quem não sabe ainda é o Maracatu Nação Pernambuco, com o álbum que leva seu nome, pelo selo Velas, de primeira qualidade produzido por Tonho Alves (do Quinteto Violado) e J.C. Botegelli, o Pelé. Os versos acima são de *Faixa Marçilio Madureira* (de Marçilio Varca e Antônia José Madureira), um bumba meu-boi que recebeu um tratamento especial do Nação Pernambuco e usa instrumentos de bumba meu-boi, tambor, maracatu, taré, tambor fante, gongá, ganzá.

Mel Brooks, diretor do filme, fez uma participação engraçada como o rei.



Maracatu

Nos fins do século passado, F. Pereira da Costa registrava, no seu *Folk Lore Pernambucano*, a extinção gradativa do maracatu, pela redução dos seus participantes. Fruto da resistência diante da escravidão que separava os negros dos seus reis e seus usos e costumes, o maracatu passou a declinar quando, no processo gradual da escravidão, os escravos iam pouco a pouco recuperando sua liberdade.

Um século se passou e os maracatus não só aumentaram em número como cresceram em quantidade de participantes. Outrora formado pelo elemento negro, o maracatu foi se embranquecendo e hoje congrega todos os tipos humanos: negros, brancos, mestiços e índios.

Teria o crescimento do maracatu alguma coisa a ver com a manutenção pelo Povo das suas tradições do tempo do Império? Tem tudo a ver, respondeu-me o integrante negro de um maracatu. Com o Império, continuou ele, teríamos coisa melhor do que temos agora. Certamente, confirmou o rei, sentado ao lado de sua coroa e seu longo manto. Lembremo-nos de que os negros também provinham de monarquias. Não tivemos aqui em Pernambuco um rei negro? — **Laura Bastos — Recife**